O CORPO EM PLATÃO: UMA INVESTIGAÇÃO À LUZ DOS DIÁLOGOS FÉDON E FEDRO

NARA ROMERO MONTENEGRO (AUTORA PRINCIPAL)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – FORTALEZA, CEARÁ, BRASIL
EMAIL: NARAROMEROM@HOTMAIL.COM

RESUMO

Platão é apontado como o fundador do pensamento filosófico que separa e contrapõe o corpo e a alma, sua compreensão desses elementos marcou profundamente o pensamento ocidental predominante. Por isso, é tão importante discutir a compreensão de corpo, base epistemológica do estudo da Educação Física, na visão de um dos mais influentes filósofos do mundo. Este trabalho, portanto, tem como objetivo refletir sobre a concepção de corpo em Platão, colocando-a em contraponto com a alma. A metodologia desta pesquisa é bibliográfica com ênfase em três grandes obras, os diálogos: Timeu, Fedro e Fédon. Inicialmente é abordada uma teoria mais geral da filosofia platônica, em seguida sua concepção da natureza humana bipartida em alma e corpo e, por fim sua interpretação da morte. Assim como o mundo platônico, o ser humano foi concebido de uma forma dual. Uma parte é eterna e liga-se com o divino: a alma. A outra devém e é corruptível: o corpo. Assim, o corpo em Platão é o sepulcro em que a alma está presa. É dever, portanto, do filósofo libertar-se ao máximo dessa coisa que o limita, não atendendo a certas demandas do corpo. No mais, esperar que a morte chegue e o liberte por inteiro.

Palavras-chaves: Platão, corpo, natureza humana bipartida

INTRODUÇÃO

Os principais pensadores pré-socráticos, como Heráclito de Éfeso e Parmênides de Eleia, não colocavam ou não deixavam de forma tão evidente a situação de oposição psicofísica, uma vez que suas concepções de corpo e alma se confundiam com ideias cosmológicas (CARDIM, 2009, p.20). Segundo Reale (2002, p. 36), o entendimento do homem em Homero não era dual, uma vez que em sua linguagem não havia termos para designar alma e corpo de um homem vivo, essas palavras eram usadas apenas com a morte, *psyché*, para a alma de um morto e *soma*, para o cadáver. Santos (1999, p.29), explica que o Orfismo, movimento religioso antigo, já defendia a existência de uma parte divina e imortal do homem contrária ao corpo. Apesar destes posicionamentos filosóficos anteriores, Platão é apontado como o fundador de um pensamento bem estruturado que separa e contrapõe o corpo e a alma, isto é, sua visão demarca a compreensão desses elementos no pensamento ocidental predominante.

Na obra platônica, se comparado com a alma, o corpo é considerado inferior e, por isso, poucas vezes é tema central dos diálogos de Platão e dos livros de seus comentadores, aparecendo sempre como elemento de oposição a alma e suas virtudes. Este trabalho se justifica, portanto, pela importância de se conhecer e discutir a concepção e as características do corpo, no pensamento de um dos mais influentes filósofos, para discutir a fundamentação epistemológica da Educação Física.

A metodologia utilizada neste trabalho é eminentemente bibliográfica. Foram estudados alguns diálogos de Platão, com ênfase em Timeu, Fédon e Fedro. Comentadores que abordam temas gerais ou específicos do corpo e alma no pensamento platônico também foram

considerados. Inicialmente, esta pesquisa busca explicar a teoria platônica que divide o mundo em dois. No tópico seguinte, a natureza do homem será o tema central, onde os elementos alma e corpo serão abordados. Por fim, a concepção de morte e as implicações do desligamento do corpo serão exploradas.

TIMEU E OS DOIS MUNDOS

Para se entender a visão de corpo em Platão, é imprescindível, antes, conhecer algumas ideias mais gerais da base de sua filosofia.

Diferentemente dos filósofos jônicos, como Heraclito de Éfeso e Diógenes de Apolônia, que acreditavam que a gênese do universo havia acontecido “por arte”, ou seja, através de uma organização casual dos elementos matérias (fogo, água, terra e ar), Platão defendia uma origem criada por uma inteligência sobrenatural que põe ordem a esses mesmo elementos materiais antes arranjados de forma caótica. (VLASTOS, 1975, p.25-26)

Na obra Timeu, Platão explora o surgimento do mundo. No diálogo, Timeu, apontado como um conhecedor de astronomia e o que mais se empenhara em explorar a natureza do cosmo, inicia a exposição de sua teoria com a diferenciação entre o que é imutável e, portanto, pode ser compreendido pela razão e o que devém, ou seja, aquilo que está sempre suscetível a mudança e “é objeto da opinião acompanhada da irracionalidade dos sentidos”.(PLATÃO, 2011, p.94)

Platão defende que a origem do mundo sensível, este onde vivemos, se deu através de outra dimensão inteligível. Um deus criador, denominado demiurgo, formulou um mundo sensível tomando como arquétipo um mundo imutável e eterno. A dimensão sensível, apesar de baseada num modelo perfeito, não pôde seguir este modelo fielmente uma vez que era composta de elementos materiais visíveis e/ou tangíveis, ou seja, elementos apreendidos pelos sentidos e, por isso, suscetíveis a mudanças.

Assim, como o mundo pode ser visto, tocado e é possuidor de matéria, logo, conclui-se que ele devém. E tudo que se movimenta, o faz por alguma causa, sendo esta atribuída ao demiurgo, que criou o mundo baseado num arquétipo inalterável e eterno. Portanto, o mundo sensível nada mais é do que uma imagem imperfeita do seu modelo ideal, eterno e imutável. O céu, por exemplo, é apresentado como uma imagem fixa, que está sempre presente, mas que varia de acordo com o tempo, ou seja, é “uma imagem móvel da eternidade” (PLATÃO, 2011, p.109), e não a própria.

Dessa forma, como o mundo em Platão é dividido em duas dimensões, uma inteligível e outra sensível, sua visão de dualidade entre alma e corpo parece ser uma extensão desse pensamento que separa o mundo em dois polos.

A DUPLA NATUREZA HUMANA

O homem em Platão possui uma natureza dupla, dissociada e contrária ainda muito aceita no senso comum. Uma parte é corpo, elemento representante do sensível, e a outra é alma, inteligível, representante da razão e próxima ao divino.

O entendimento de corpo em Platão, objetivo deste estudo, está amplamente ligado ao seu contrário, a alma, uma vez que há uma oposição quase simétrica entre ambos. O corpo não aparece como um elemento essencial para alcançar a sabedoria, mas é, para tal conquista, um obstáculo. Assim, o centro das atenções dos textos platônicos e de seus comentadores geralmente não é voltado diretamente ao corpo, mas sim à alma. Será apresentado, portanto, o conceito e as qualidades da alma em Platão para melhor situar o corpo.

O ponto de partida para entender a concepção da alma é concebê-la imortal, pois move a si mesma. Segundo essa visão, qualquer coisa que é movida por algo e move outra coisa tem seu movimento anulado. Já o entendimento do princípio do movimento pressupõe que nada o formou e, portanto, não será jamais destruído, pois de nada proveio. Sendo assim, o princípio do movimento se determina e determina os outros e, como não pode ser destruído, é imortal. A essência da alma, como é apresentada na obra Fedro, é a imortalidade e, por ser o princípio do movimento, determina também o movimento do corpo: "Todo cuerpo, en efecto, que recibe de fuera su movimiento es inanimado, mientras que el que lo tiene dentro y lo recibe de sí mismo es animado, porque es esta la naturaleza del alma." (PLATÃO, 1974, p. 864)[1]

Outra forma de compreender o caráter imortal da alma é por intermédio da Teoria dos Contrários exposta da obra Fédon. A vida e a própria Ideia de vida é a essência da alma, uma vez que ela que é o princípio de animação do corpo e nunca deixa de existir, pois é imortal. Segundo essa teoria, a morte e a vida são contrários, e, como todos os contrários, sofrem um duplo processo onde um gera o outro e vice-versa:

> Eis, pois, o que devemos examinar: será que necessariamente, em todos os casos em que existe um contrário, este não nasce de outra coisa que não seja o seu próprio contrário? Exemplo: quando uma coisa se torna maior, não é necessário que anteriormente ela tenha sido menor, para em seguida se tornar maior? (PLATÃO, 1991, p.127)

Dessa forma, quando algo se depara com o seu contrário ou sua essência, passa a deixa de existir. Esse raciocínio permite uma nova prova da imortalidade da alma, pois como ela tem a essência da vida em si, jamais admitiria em si a morte. E o corpo, contrário da alma e elemento suscetível de morte, padece com sua chegada. (REALE, 2002, p.208)

Através do mito da parelha alada, Platão aponta para uma tripartição da natureza da alma, constituída de dois cavalos alados, um belo e bom representando a parte irascível e outro ruim e desobediente representando a parte concupiscível, e um cocheiro que representa o intelecto, elemento capaz de guiar os cavalos.

A parelha dos homens, diferentemente da dos deuses, são mestiças, isto é, composta de "almas mortais", ou seja, ligada aos aspectos sensíveis: a concupiscível, localizada entre o diafragma e o umbigo e a irascível, posta entre o diafragma e o pescoço; e de uma "alma divina", posta na cabeça e separada das outras duas através do pescoço.

Somente por meio do intelecto (representado pela "alma divina") é possível desenvolvimento das asas para se encontrar a Verdade no céu. Se o Homem contempla com muita frequência as Verdades, livrará de sofrimentos. Caso contrário, terá as asas diminuídas, tornando-o pesado, e caindo ao solo caso pouco siga os deuses.

Dessa forma, como as asas servem para "llevar hacia arriba lo pesado" (PLATÃO, 1974, p. 864),[2] elas dariam a oportunidade de contato mais próximo com o divino apesar da ligação inevitável com o corpo:

> Lo divino es hermoso, sabio, bueno, y todo lo que es de esta índole; esto es pues lo que más alimenta y hace crecer las alas; en cambio, lo vergonzoso, lo malo, y todas las demás cosas contrarias a aquellas, las consume y las hace perecer. (PLATÃO, 1974, pg. 864)[3]

[1] Tradução livre dos autores: "Todo corpo, em efeito, que recebe de fora seu movimento é inanimado, enquanto que aquele que o tem dentro e o recebe de si mesmo é animado, porque é essa a natureza da alma"

[2] Tradução livre dos autores: "levar para cima o pesado"

[3] Tradução livre dos autores: O divino é belo, sábio, bom e tudo que é dessa índole; isto é, pois o que mais alimenta e faz crescer as asas; ao contrário, o vergonhoso, o mal e todas as coisas contrárias aquelas, as consomem e as fazem perecer.

Destarte, essa metáfora mostra que há a possibilidade tanto do homem seguir a alma guiada pela inteligência que contempla "la realidad que verdaderamente es sin color, sin forma, impapable" (PLATÃO, 1974, p. 865)[4], desenvolvendo, assim, seu lado bom, como pode também deixar-se levar pela parte má, dominada pelos desejos e ligada a sensibilidades corpóreas.

Assim, também, percebe-se a teoria da reminiscência devido ao caráter eterno e divino da alma. Ela que já contemplou as "Verdades Eternas", durante o período em que está ligada a um corpo, apenas lembra do que já sabia, ou seja, "aprender não é outra coisa senão recordar" (Platão, 1991, p.131)

Pode-se notar, portanto, que Platão defende (i) uma alma eterna; (ii) que move a si mesma e as outras coisas; (iii) possui ligação com o divino; (iv) é responsável pelo que é inteligível, ou seja, só pode ser apreendida pela razão e não devém (o mundo das Ideias):

> A alma é capaz de conhecer as coisas imutáveis e eternas, como, por exemplo, o igual em si, o belo em si, o bom em si. Trata-se de realidades que permanecem sempre nas mesmas condições e iguais a si mesmas e imutáveis (...) (REALE, 2002, p.207)

Já o corpo aparece numa posição claramente inferior, pois (i) emudece; (ii) tem seu movimento determinado por algo que não é ele mesmo, isto é, pela alma; (iii) afasta o homem do divino; (iv) é inexato devido ao seu caráter de apreensão sensível:

> E, sem dúvida alguma, ela raciocina melhor precisamente quando nenhum empeço lhe advém de nenhuma parte, nem do ouvido, nem da vista, nem dum sofrimento, nem sobretudo dum prazer — mas sim quando se isola o mais que pode em si mesma, abandonando o corpo à sua sorte, quando, rompendo tanto quanto lhe é possível qualquer união, qualquer contato com ele, anseia pelo real? (PLATÃO, 1991, p.117)

Dessa forma, o corpo, como afirma Cardim (2009, p. 23), apresenta-se de forma ambígua, pois ao mesmo tempo em que pode ser controlado pelo intelecto devido a capacidade da alma de mover o corpo, ele é também considerado um sepulcro ao qual os homens estão "encadeados, como la ostra a su concha" (PLATÃO, 1974, pg. 866)[5]

O FIM DO CORPO COMO OBJETIVO

O filósofo que, segundo Platão, tem como objetivo a busca da verdade deve tentar libertar-se ao máximo do corpo e ir além da dimensão puramente terrena, levando uma vida guiada pela razão e abstendo-se de prazeres, desejos, dores, enfim, formas de apreensão do mundo consideradas como incertas em sua teoria.

O corpo assume um papel tão danoso que seus desejos podem causar consequências drásticas à humanidade:

> Vede, pelo contrário, o que ele nos dá: nada como o corpo e suas concupiscências para provocar o aparecimento de guerras, dissenções, batalhas; com efeito, na posse de bens é que reside a origem de todas as guerras, e, se somos irresistivelmente impelidos a amontoar bens, fazemo-lo por causa do corpo, de quem somos míseros escravos! (PLATÃO, 1991, p.119)

[4] Tradução livre dos autores: "A realidade que verdadeiramente é sem cor, sem forma, impalpável"

[5] Tradução livre dos autores: "presos, como a ostra a sua concha"

Dessa forma, o pensamento platônico “parte da tese (...) de que a vida do filosofo é “exercício de morte”” (REALE, 2002, p.176). Essa instigante concepção pode ser entendida no diálogo Fédon, contextualizado momentos antes da morte de Sócrates, onde o conceito de morte é posto como sendo nada mais senão a separação da alma e do corpo:

> Estar morto consiste nisto: apartado da alma e separado dela, o corpo isolado em si mesmo; a alma, por sua vez, apartada do corpo e separada dele, isolada em si mesma. Nada mais do que a separação da alma e do corpo, não é? (PLATÃO, 1991, p.115)

Assim, como o filósofo que não pode libertar-se de forma total durante a vida, pois está ligado ao corpo, isto é, não conseguirá atingir plenamente o objeto do seu desejo, deve esperar positivamente a morte ou o fim de seu corpo, pois os que temem a morte é porque amam seu corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca da verdade, do superior, do divino, mais uma vez, está além do que pode ser sentido em Platão. O filósofo do mito da caverna, que divide o mundo, cinde também a natureza do homem e coloca-a em antítese.

É só na morte, todavia, que a separação é total. Com ela, resta um corpo, que padece e uma alma, que seguirá num mundo supranatural. Essa visão, apesar de defendida por um filósofo antigo, não é estranha no pensamento ocidental cristão do século XXI. Teorias predominantes vão sendo modificadas e, às vezes, enfraquecidas, mas encontram-se ainda enraizadas, visto que “[o] povo tem crenças, não teorias.” (FONTANELLA, 1995, p.28)

O homem ocidental entende-se de forma dividida: quando pensa, é sua consciência; quando deseja, é seu corpo. No entanto, como explicar essa separação tão brutal quando se realiza certos movimentos: como nas artes, nos esportes e até nos atos sexuais? A questão aparece de forma muito mais complexa e, por mais que haja separação em certos momentos, a possibilidade do ser humano uno pode ser grandiosa e até mais vasta.

Tal como o senso comum, a educação formal predominante privilegia claramente uma educação “da alma”. A própria organização das salas de aula denuncia isso. Os corpos encontram-se estáticos e a consciência em movimento (mas nem sempre na direção devida). Dessa forma, as crianças, desde cedo, aprendem que possuem uma consciência e é através dela que apreendem o mundo. O corpo e os sentidos são importantes apenas para necessidades vitais, sendo ignorados por tal educação.

O estudo do corpo em Platão e de tantos outros pensadores que defendem ou defenderam uma natureza humana dual, portanto, pode proporcionar uma reflexão acerca do homem atual e as possíveis consequências para as sociedades, importantes para uma formulação de uma nova maneira de se fazer a educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDIM, Leandro Neves. ***Corpo***. São Paulo: Globo, 2009.
CARDOSO, Delmar. ***A Alma como Centro do Filosofar de Platão***. São Paulo: Edições Loyola, 2006
FONTANELLA, Francisco Cock. ***O corpo no limiar da subjetividade***. Piracicaba: Ed. Unimep, 1995.
MONTENEGRO, Maria Aparecida de Paiva. ***Peri physeos phyches: sobre a natureza da alma no Fedro de Platão***. Belo Horizonte: Kriterion, 2010
PAULO, Margarida Nichele***. Indagações sobre a imortalidade da alma em Platão***. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996
PLATÃO. ***Fédon***. 5. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991 - (Os pensadores)
PLATÃO. ***O Banquete.*** 5. ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991 - (Os pensadores)
PLATÃO. ***Timeu – Crítias.*** 1 ed. Coimbra: ECH, 2011
PLATÃO. ***Fedro***. 2 ed. Madrid: Aguilar, 1974
REALE, Giovanni. ***Corpo, alma e saúde: o conceito de homem de Homero a Platão***. São Paulo: Paulus, 2002
SANTOS, Bento Silva***. A imortalidade da alma no Fédon de Platão: Coerência e legitimidade do argumento final.*** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
VLASTOS, Gregory. ***O Universo de Platão.*** Brasília: Universidade de Brasília, 1975.

End.: Rua Paschoal de Castro Alves, 51, apto 1002, Papicu, Fortaleza, CE / CEP: 60175-575
Telefone: +55 (85) 96353519
Email: nararomerom@hotmail.com